VII Simpósio Nacional de História Cultural
HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES
Universidade de São Paulo – USP
São Paulo – SP
10 e 14 de Novembro de 2014

AUTOBIOGRAFIA E PROJEÇÕES DO HEROÍSMO NOS DIÁRIOS DE CÂNDIDO RONDON

Robson Mendonça Pereira*

Em 1958 foi publicada postumamente a biografia do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958). Intitulada "Rondon conta sua vida" (RONDON, 1958), o grosso volume era prefaciado por Rachel de Queirós que fazia questão de revelar o papel decisivo representado por Esther de Viveiros que transcreveu os diários de campo de Rondon, e sob sua supervisão colheu informações com base em entrevistas para composição do texto definitivo que aspirava evitar certos estereótipos ligados à imagem construída ao longo do tempo sobre Rondon e suas façanhas como militar e sertanista.

Assim a análise pretendida é a de enfocar a biografia de Rondon a partir de seu caráter híbrido: registro autobiográfico, pois é narrado em primeira pessoa, e ao mesmo tempo romance biográfico escrito por duas pessoas que compartilhavam os ideais do positivismo.

De origem mameluca Cândido Rondon saiu do Pantanal mato-grossense quando foi enviado de Mimoso para Cuiabá por seu tio. Após sua passagem pelo Liceu Cuiabano, dirigiu-se para o Rio de Janeiro, então sede da Corte, em 1881, vindo a ingressar na Escola Militar da Praia Vermelha, tendo contato com Euclides da Cunha, Lauro Müller e Gomes

* Doutor em História (UNESP/Franca). Pós-doutor em História Social (USP). Docente do curso de História e do Programa de P.G. Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás. Bolsista do Programa de Incentivo à Pesquisa e Produção Científica (UEG). robsonmenper@hotmail.com.br.

de Castro. Participa ativamente do episódio do movimento da Proclamação da República, influenciado pela adesão aos princípios do Apostolado Positivista proferido por seu professor Benjamin Constant e pelas conferências de Silva Jardim. Em 1890 torna-se engenheiro militar, e ingressa na Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia na condição de alferes, sob o comando do major Antônio Ernesto Gomes Carneiro, experiência decisiva para sua formação como sertanista e indigenista. Na virada do século XIX para o século XX passou a comandar comissões e expedições ainda em Mato Grosso, vindo em 1906, no governo de Afonso Pena a se destacar na exploração do Rio Negro e da região amazônica que o tornaram famoso. Após a criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) participa da Expedição Científica na companhia do ex-presidente norte-americano Theodore Roosevelt para o reconhecimento do Rio da Dúvida em 1914. Logo após empreende suas últimas campanhas sertanistas até 1919. Alcança o posto de General de Brigada na primeira metade dos anos 1920. Após a Revolução de 30 mantém o seu prestígio como herói nacional em vida, dedicando-se sua atividade na defesa dos índios. Sua biografia contempla esse longo período, de forma cronológica, com cada capítulo seguindo provavelmente os relatos contidos nos cadernos ou diários de campo.

Existem é claro muitas brechas na análise dessa biografia/autobiografia de Rondon que surgem nos seus relatos, como por exemplo, o ardor republicano alimentado pela operação de construção das linhas telegráfica comandada com mão de ferro. O progresso sob a batuta da ordem militar o aproxima da imagem mítica do novo bandeirante, a desvendar as fronteiras e também se deslumbrar com as paisagens pitorescas do Brasil Central. Rondon constrói um relato no qual justifica seus atos que aparentemente seguem de maneira coerente o ideal do herói clássico, do grande homem capaz de servir a uma causa maior que sua própria vida. Assim surge uma questão central: de que maneira essa narrativa autobiográfica teria contribuído para reforçar o protagonismo histórico de Rondon?

Tal assertiva pode ser percebida na orelha do livro que não esconde as intenções de enaltecer o biografado que falecera antes da publicação igualada exageradamente a uma hagiografia:

> Partiu para a imortalidade antes disso, não sem ter acrescentado à sua biografia uma página que não foi escrita - o fim de Rondon, o herói, o sábio, foi o de um verdadeiro santo, pois santo suportou, sem um queixume, o sofrimento atroz de seus últimos dias de vida. "Viveu para outrem". Até o último alento, foi o cavaleiro "sem temor e sem mácula". (1958)

Esther de Viveiros tornou-se a confidente, editora dos cadernos manuscritos, das notas e dos capítulos que organizou, rendendo-se a imagem-força do biografado. Ao que tudo indica manteve-se fiel a redação de Rondon que mesmo quase cego aprovou cada etapa da composição do livro.

ESCRITA BIOGRÁFICA E PERSPECTIVA AUTOBIOGRÁFICA NA CONSTRUÇÃO DO PROTAGONISMO HISTÓRICO

A escrita de si ou o registro autobiográfico vem assumindo importância cada vez maior no contexto historiográfico recente, especialmente no campo de análise das representações construídas por indivíduos na sua subjetividade, isto é, na forma como percebem e se atribuem sentido à realidade vivida. Assim, a questão central que nos conduz nessa pesquisa é a de analisar em que condições se deram a produção do discurso biográfico/autobiográfico de Cândido Rondon, em especial sua biografia baseada em seus cadernos de campo redigidos durante sua participação na Comissão Construtora de Linhas Telegráficas desde o final do século XIX até o final dos 1910, quando termina a fase das expedições de reconhecimento do território. Parto do entendimento de que se trata de uma narrativa caracteristicamente autobiográfica, pois o autor procura ordenar a experiência do personagem e buscar um sentido para a experiência vivenciada, gerando assim uma identidade claramente perceptível. Algumas questões decorrem dessa assertiva: em que medida pode-se considerar veraz a narrativa do autor para os fatos que descreve ou se trata de versões sem nenhum efeito para a interpretação do processo histórico-social? De que maneira a narrativa do diário contribui para reforçar um suposto protagonismo histórico em construção? Existe um desejo intrínseco por parte do sujeito de constituir uma autoimagem mais favorável que permitisse ser reconhecido publicamente pelos pósteros?

A essa altura Rondon, que havia sido promovido a Capitão dos engenheiros da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia (1890-1891), compunha a turma da retaguarda "à qual competia fazer os levantamentos topográficos da linha construída e determinar as coordenadas geográficas dos pontos mais

importantes" (1958: 65), operando acerca de quatro léguas da turma central.[1] Rondon permanecerá certo tempo em estágio no Observatório Nacional, na capital federal, que era dirigido pelo astrônomo Luís Cruls, vindo a integrar a comissão chefiada pelo major Antônio E. Gomes Carneiro a partir de abril de 1890.

A influência desse último sobre Rondon é marcante para sua formação como sertanista e indigenista com o qual prefere definir-se ao longo da narrativa:

> ... se revelou o grande conhecedor do problema indígena, o nobre defensor dos donos da terra que atravessávamos, nossos irmãos das selvas. Proibiu terminantemente, em cartazes que mandou afixar ao longo da linha, que neles se atirasse, ainda que fosse para assustar... "Quem, dora em diante, tentar matar ou afugentar os índios de suas legítimas terras, terá de responder, por esse ato, perante a chefia desta Comissão". (RONDON, 1958: 67)

Participando de um projeto modernizador e integrador da nação, equivalente a construção de estradas ferroviárias, as expedições de saneamento do Instituto Oswaldo Cruz e as avaliações da Inspetoria de Obras contra as Secas, Rondon parecia definir o seu perfil a partir dessa oportunidade de "servir a Pátria com desprendimento pessoal, submetendo o orgulho militar à compreensão do dever de centrar esforços para levar a cabo a missão a desempenhar" (1958: 80). Há percepção de que o desafio representado pela atividade da comissão parecia ser muito maior do que a simples instalação de postes e fios. Ao avançar sob território escassamente mapeado ou totalmente desconhecido, se produzia uma conhecimento novo derivado do estudo das áreas propícias geográfica e geologicamente para instalação da rede, das condições silvestres e lacustres para constituição de estações telegráficas. Rondon é bastante minucioso na descrição de suas atividades produzindo um inventário ricamente detalhado das riquezas oferecidas pelos sertões em Mato Grosso e depois na Amazônia.

RONDON: A CONSTRUÇÃO DA TRAJETÓRIA HEROICA

Pode-se afirmar que no contexto brasileiro poucos políticos, administradores e militares, legaram a posteridade o registro na forma de diários. E muito pouco do que existe mereceu publicação integral e análise acadêmica. Enquadro nesse caso os diários

[1] Havia três turmas: vanguarda (responsável por locar a estrada); centro (construção, abertura de picadas, colocação de postes e esticar a linha) e retaguarda. A turma de vanguarda conduzida por Rondon era composta por vintes soldados, utilizava um aparelho Stampter-Estádia

de campo ou relatos sertanistas produzidos por cronistas em expedições de reconhecimento geográfico, etnológico e científico. Assim, a autobiografia de Rondon oferece um vislumbre inusitado das operações envolvidas na atividade dos militares nas frentes pioneiras.

A importância assumida pelos diários, se torna mais contundente no caso de personalidades públicas, seja por envolver apreciações privadas pouco comuns, ausente mesmo na documentação epistolar do personagem, revelando circunstâncias especiais, momentos de hesitação e incertezas que tingem de veracidade os eventos vividos. Para Calligaris a escrita do diário permite desenvolver uma "imagem da vida interior", produto da meditação constante com o qual o indivíduo refaz sua própria biografia, para si mesmo e para os outros (CALLIGARIS, 1998: 46).[2]

No que diz respeito a estratégia de constituição de um perfil heroico destacamos os diários do presidente da República Getúlio Vargas, escritos entre os "anos quentes" de 1930 e 1942. É um desses exemplos raros, investigação que envolveu um extenso trabalho de transcrição dos manuscritos originais por pesquisadores da Fundação Getúlio Vargas. Por se tratar de uma figura proeminente na história política brasileira, a publicação de seus diários provocou alguma discussão a respeito de possíveis revelações sobre sua personalidade e avaliações acerca de seu verdadeiro papel nos eventos do Brasil contemporâneo em meio à facetas díspares como a do líder revolucionário de 1930, a do presidente carismático e "pai dos pobres" construído pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do Estado Novo ou de mártir em 1954.

Uma estratégia muito comum para a maioria dos diaristas, no intuito de reforçar o efeito de estabilidade e coerência, é a de constituir uma narrativa linear para atestar a confiabilidade do seu testemunho. Vargas afirma escrever com honestidade consigo mesmo, traço comum nesse tipo de escrita. Mesmo sem ter ainda em conta que seu texto se dirige ao público uma questão parece se insurgir: não estaria de alguma maneira construindo seu próprio protagonismo? Esta talvez seja uma das características mais notórias dos diários, sua ambiguidade: "Escritos buscando a cumplicidade do segredo, denunciam um desejo latente de serem revelados" (GETÚLIO Vargas, 1995, v.1: VIII).

[2] Calligaris considera o diário como um tipo de autobiografia, definindo quatro tipos: a) no sentido restrito; b) o diário íntimo (*journal)*, c) o diário (*diary*); e d) memórias (*memoirs*) (1998: 46).

Os diários de Rondon talvez estejam mais próximos quanto ao tipo de experiência relatada ao diário íntimo de José Vieira Couto de Magalhães, personagem heroico do Segundo Império, general do Exército nacional, folclorista, sertanista e intelectual autor de livros como *Viagem ao Araguaia* (1863), *O selvagem* (1876) e *Ensaios de Antropologia* (1894). Rondon parece compartilhar com Couto de Magalhães de uma visão idílica e sublime dos sertões. Couto escreveu seu diário durante sua estadia em Londres e parte em São Paulo, melancólico, desejoso de aproximar-se do mundo natural com o qual entrara em contato na juventude e durante seu auge como presidente de inúmeras províncias (Goiás, Mato Grosso, Pará e São Paulo), como combatente na Guerra do Paraguai (1865-1870) e na sua atividade como empresário ao constituir empresas para navegação dos rios Araguaia e Tocantins e ferroviárias.

Em seu diário Couto de Magalhães parece menos preocupado com sua autoimagem "heroica", evidente nos casos de Getúlio Vargas e Cândido Rondon. Suas reminiscências revelam uma estratégia de fuga de um presente que revela a finitude de sua existência, se dedicando com afinco a trabalhar com suas memórias e com o "diário dos sonhos" em exercício de subjetivação.

Os diários que viriam a servir como elementos para constituição da narrativa autobiográfica de Rondon prestavam uma função no início pragmática, um registro de suas atividades como membro e depois chefe das Comissões Construtoras de Linhas Telegráficas, da Expedição Científica Rosevelt-Rondon e das Campanhas Sertanistas, na elaboração de relatórios oficiais e discursos. Uma segunda finalidade, servir para composição de uma autobiografia, talvez tenha lhe ocorrido na velhice, um desejo incontido de preservar seu legado ao escrever sobre si mesmo.

Quando a autobiografia foi finalmente publicada, o marechal Cândido Rondon não vivera o suficiente para vê-la, pois faleceria poucos meses antes com 92 anos de idade. A primeira edição saiu pela Livraria São José, do Rio de Janeiro. Uma segunda edição seria publicada em 1969 pela Cooperativa Cultural dos Esperantistas, e mais recentemente uma reedição de 2010, pelo selo Biblioteca do Exército Editora, ambas do Rio de Janeiro, sendo esse último em comemoração pelo centenário de criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI). O que se verifica nestas edições espaçadas no tempo é uma variante na apropriação da imagem de Rondon. A ênfase inicial, quando da primeira edição, era a do sertanista e indigenista, uma capa com a foto de Rondon idoso e alquebrado, vestido como civil. Na edição de 2010 pela Bibliex, a imagem de Rondon

jovem em traje militar reconfigura a proposta inicial para uma representação do herói do panteão nacional, o desbravador, o patriota.

Não pretendo aqui adentrar propriamente a esfera da recepção da autobiografia de Rondon, mas apenas nuançar através dessas edições, determinadas representações que reforçam imagens contraditórias do protagonista.

A primeira parte da narrativa autobiográfica tem início com uma minuciosa descrição da origem mameluca de Rondon. Sua avó paterna, Maria Rosa Rondon, era descendente de paulistas de origem espanhola e sangue índio (guaná). Um ramo dos Rondon teria se fixado em Mato Grosso ainda no século XIX. Sua ascendência materna seria puramente indígena, tributária dos Terena e Bororo. A apresentação dessa genealogia oferece elementos que Rondon utiliza para se autoqualificar como um descendente dos antigos bandeirantes. Sua ligação com Mimoso, localidade encerrada no Pantanal mato-grossense define sua ligação com a fronteira.

Quando Cândido Mariano da Silva Rondon nasceu em 5 de maio de 1865, seu pai falecera meses antes, quando já se desenrolava a Guerra do Paraguai. Sua mãe morre dois anos depois, e o filho único passa a ser criado pelo tio paterno, Manoel Rodrigues da Silva. Quando Rondon completou sete anos de idade, ele o envia para Cuiabá, e lá passa a infância e a puberdade aprendendo as primeiras letras. Em 1874 foi matriculado na escola pública do Professor João Batista de Albuquerque, que viria a se tornar um grande amigo décadas depois, quando o Capitão Rondon, como chefe da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas passou a negociar víveres com esse antigo mestre que se tornou um próspero comerciante na localidade. Completa o curso primário em 1878 na Escola do Professor Francisco Ribeiro Costa. No ano seguinte se matricula na Escola Normal (depois Liceu Cuiabano), concluindo o curso com pouco mais de dezesseis anos, sendo nomeado professor.

Nessa trajetória se destaca sua transformação em soldado ainda em Cuiabá quando passa a servir no 3º Regimento de Artilharia a cavalo. Negocia com seu tio sua ida para Escola Militar da Praia Vermelha (RJ). Rondon recusa a carta de recomendação com o qual poderia iniciar sua via militar como cadete. A ideia de "servir a pátria" teria surgido quando de sua passagem pelo liceu e por influência de amigos. Embarca rumo a capital federal em 2 de dezembro de 1881.

As dificuldades não cessam, pois chegando ao seu destino integra como recruta o 2º Regimento de Artilharia a cavalo, inicialmente sob comando do capitão Hermes da Fonseca. Apesar de ocupar a função de amanuense da secretaria do regimento, Rondon parece ter uma convivência complicada com os colegas, e decide morar fora do alojamento recebendo soldo à parte como funcionário do Quartel General. Aluga quarto em pensão barata, mas se alimenta precariamente, anda frequentemente sem camisa por debaixo da farda engomada.

Essa fase de vida "estóica" é frisada pelo narrador, que se dedicava com afinco aos estudo e ao aprendizado. Compartilhava uma república com outros desterrados e "Não tinha livros, porque os não podia comprar". O "duro regime" auto-imposto o obrigava a acordar as quatro horas da manhã, tomar banho na bica ou no mar, e depois trabalhar até às 6 horas. Durante o dia de serviço ocupava-se com exercício de cavalaria, artilharia e infantaria, aulas. Estudava até vinte horas por dia, o que provoca a "moléstia" que o acomete (provavelmente estafa) em 1885. O estado de fraqueza o afasta da vida de estudo por um tempo, quando esteve internado e quase "desenganado". Tenta recuperar os exames, sem sucesso, na Escola Superior para o qual havia ingressado em 1884.

Em 1886 curso o segundo ano novamente tendo como colegas da "família acadêmica", Euclides da Cunha, Lauro Müller, Gomes de Castro e Moreira Guimarães. Nessa ocasião conhece seu futuro sogro, Dr. Xavier durante os exercícios na Escola Militar quando é convidado a visitar a sua residência, ocasião no qual conhece sua futura esposa Chiquita.

Em 1887 quando estava cursando o terceiro ano passa por problemas nos exames e sabatinas – era considerado um dos melhores alunos da Escola Militar, mas era orgulhoso. Foi penalizado com rebaixamento de nota devido a sua atitude considerada insubordinação (Euclides da Cunha teria passado por episódio parecido).

É promovido a "Alferes aluno" em julho de 1888, e em seguida transferido para recém-criada Escola superior de Guerra da Praia Vermelha. Em 1890 conquista o título de Engenheiro Militar e o diploma de "bacharel em Matemática e Ciências Física e Naturais". A adesão aos ideais do positivismo se dá neste âmbito. Foi aluno de Benjamin Constant que compartilhava dos ensinamentos de Miguel Lemos e Teixeira Mendes, além de assistir as conferências políticas de Silva Jardim:

> Aí estudava eu alemão e matemática superior – cálculo das funções, mas o estudo caminhava paralelamente às preocupações sociais, ao

> entusiasmo que prometera das a vida pela organização de uma sociedade melhor, mais fraterna. (1958: 50)

Busca ressaltar a relevância do exército como instituição fundamental para consolidação do regime republicano. O protagonismo durante a Guerra do Paraguai e a Questão Militar, considerada uma erro fatal do Segundo Reinado apenas ilustram a necessidade de superação do regime monárquico pelas leis evolucionárias proclamadas por Comte através de Benjamin Constant: "a sociedade e o homem tal como o mundo, obedecem a leis naturais, compreendeu que a reforma das instituições deveria ser precedida pela regeneração de opinião e costumes" (RONDON, 1958, p.50). Nesse contexto participa da quartelada que desembocou na Proclamação da República para evitar a desordem "...transformar uma revolução que vinha de longe e nada poderia conter, em evolução - ensinando" (1958: 50).

O breve período que passou como professor na Escola Militar da Praia Vermelha constitui um leve desvio de um provável destino que lhe era reservado:

> Mas todos esses planos teriam de ser modificados inteiramente: em vez da calma e metódica vida de professor, teria de ser minha vida a de sertanejo, empolgante, mas rodeada de perigos de toda espécie e... longe do aconchego familiar, aconchego que constituía para mim sonho dulcíssimo... (1958: 97)

REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO E IMAGENS DO SUBLIME EM RONDON

Após seu retorno a capital federal depois de longo período como membro da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia, Rondon tem seu nome cogitado pelo Ministério da Guerra para chefiar outra comissão que deveria ligar telegraficamente Cuiabá a Corumbá, na fronteira estratégica com a Bolívia e o Paraguai (1958, 121). Todos os preparativos para montagem do contingente e de provisões necessárias foram efetuadas, e após longa marcha de 798 km chegou a Cuiabá. Nesta fase inicial procedeu aos reparos de linhas, algo muito comum devido a péssima qualidade do material empregado. Rondon teve de negociar com o governo do Mato Grosso um auxílio financeiro para adquirir víveres. O contato com tribos indígenas era algo muito importante para o sucesso do empreendimento, e Rondon parece bastante atento aos aspectos etnológicos e culturais como nesse registro de uma festividade no aldeamento bororo de São Lourenço:

> Tive a ocasião de assistir ao grande *bocororô* que constava, além de cantos que se ouvem a grande distância, de duas partes. Na primeira - *pamoarvererudo* - só os homens tomavam parte, usando enfeites característicos. Na segunda - *iparearvererudo* - entravam as mulheres e crianças, pitorescamente vestidas de folhas. Constitui o conjunto um bailado em que se admira não só a leveza e a graça de movimentos, como a originalidade das atitudes, hieráticas às vezes, que de ninguém aprenderam. Pareciam, à luz dourada do poente, figuras de bronze. (1958: 126-7)

O conhecimento das línguas dos aborígines era aperfeiçoado ao longo das expedições de reconhecimento, geralmente acompanhada por índios. Parece que as relações entre os subordinados, geralmente soldados amotinados e renegados, e os índios nem sempre corria bem, havendo conflitos no qual a solução empregada por Rondon demonstra o recurso ao código não escrito do sertão:

> Tudo correu às mil maravilhas até que uma noite despertei com verdadeiro alarido no acampamento. Não tardaram em aparecer, seguidos pela tribo a gritar e gesticular, quatro índios trazendo suspenso, acima das cabeças, um soldado desobediente. [...] Como já fosse alta noite, adiei para o dia seguinte o julgamento definitivo, deixando o culposo entregue a uma escola. Ninguém dormiu. [...] a decisão de *pagmejera* - que foi a prisão do soldado no tronco, uma vez que não havia cadeia. [...] Infelizmente o incidente se repetiu, quase ao findar a expedição. Pensou um soldado penetrar no aldeamento sem ser pressentido. Agarrado, como da primeira vez, fui forçado a agir com maior energia e usar o processo do Conde de Lipe. Ao dirigir-me ao culpado, ante contingente e índios formado, disse: - Essa surra é a que índios tinham o direito de lhe aplicar. Penso que, para sua dignidade, é melhor que seja vergastado por ordem de seu comandante. (1958: 132)

A liderança militar férrea cobrava seu preço, e Rondon muitas vezes se viu envolvido em tentativas de assassinato, numa região no qual a vida parecia valer muito pouco. Na narrativa é perceptível uma certa equiparação entre os perigos representados pelos homens e pelo próprio mundo natural. Nesse último, sentimentos e apreciações ambivalentes envolvem o biografado em suas incursões:

> Prossegui com a exploração para a escolha do traçado, rumo do passo do rio Correntes, acompanhado pelo Tte. João Dionísio. Vencendo todas as dificuldades do pantanal crivado de minhocais, através de densos buritizais de cabeceiras brejosas que desciam dos contrafortes da serra, passamos uma pequena garganta do morro que anteriormente denomináramos do Gavião - por ter abatido aí uma dessas aves - e continuamos através de terrenos de cerrado, vazante, campestre, charravascal, taquaral. (1958: 136)

Em diversos trechos de seu diário Rondon descreve a natureza de maneira exagerada, misturando sensações de admiração e assombro diante da paisagem que se descortinava, algo muito comum nas narrativas de viagem a partir da segunda metade do século XIX, influenciadas pelo romantismo que se exprime na estética do sublime (NAXARA, 2003: 23-30).

> Prosseguindo com o levantamento expedito - por meio de bússola, passômetro e aneroide, - percorrendo em três horas a distância até Pimenteira, onde pousamos. Que belo local e que excelentes pastagens! É um ribeirão, vindo da serra, que ao se estender no pantanal, se cobre de aguapés. Presas umas às outras, formam espesso tapete, onde mal podem as águas correr, dando assim origem a corixas e baías. Revoadas de patos bravos, garças, marrecas, tuiuius, cabeças secas, dão vida, cor, movimento àquelas paragens pantanosas que recebem frequentes visitas de onças, em busca de capivaras que aí abundam. São campos de criação admiráveis os que se estendem em torno, predominando, nas baixadas, o arroz silvestre, e, nos terrenos altos que se intercalam, o capim branco. (1958: 143)

Diante desse sertão que apresenta algumas qualidades aproveitáveis para produção, Rondon representa o progresso e a modernização nacional que avança na conquista do espaço geográfico revelando um país que a elite litorânea desconhece. Através dessa (auto)biografia do marechal Cândido Rondon é possível descortinar diversas imagens (militar, positivista, cientista) que interagem com a do protetor dos índios reforçada desde o início da narrativa heroica e histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos. In: **Estudos Históricos**. CEPEDOC/FGV, v.11, n.21, Rio de Janeiro, 1998.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Tradução de Gilson César C. de Souza. São Paulo: Edusp, 2009.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos Arquivos Pessoais: o Arquivo de Gustavo Capanema. In: **Estudos Históricos,** v.11, n.21, 1998, p.59-87.

GETÚLIO Vargas: **diário**. Apresentação de Celina do Amaral Peixoto; Edição de Leda Soares [Pesquisadores: Maria Celina D`Araujo, Regina Luz Moreira e Ângela de Castro Gomes]. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1995. 2v. il.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2004.

LEJEUNE, Phillipe. **O pacto autobiográfico**: de Rosseau à internet. Jovita Maria G. Noronha (org.). Tradução de Jovita Maria G. Noronha e Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional, 1999.

LORIGA, Sabina. **O pequeno X**: da biografia à história. Tradução de Fernando Scheib. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. **Diário Íntimo**. Organização de Maria Helena P. T. Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NAXARA, Márcia R. C. **Cientificismo e sensibilidade romântica**: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004.

RONDON, Cândido Mariano da Silva; VIVEIROS, Esther de. **Rondon conta sua vida: por Esther de Viveiros**. 1 ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958. 638p.

RONDON, Cândido Mariano da Silva; VIVEIROS, Esther de. **Rondon conta sua vida: por Esther de Viveiros**. 2 ed. Rio de Janeiro: Cooperativa Cultural dos Esperantistas, 1969.

RONDON, Cândido Mariano da Silva; VIVEIROS, Esther de. **Rondon conta sua vida: por Esther de Viveiros**. 3 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2010.